

RESENHA

Conte-me os detalhes

Livro reúne obituários do *New York Times*, que retratam em escrita mais literária a vida de desconhecidos ou celebridades de um modo que nem eles se descreveriam

Por Simone Caixeta de Andrade

Ao contrário de outros jornais de grande circulação (isso ainda existe?), a seção de obituários do *New York Times* não se encontra espremida e envergonhada entre anúncios publicitários, às vezes, reduzida a minimalista fórmula “quem, quando e onde” (nesse caso o cemitério!); por vezes, só nome, idade e local do velório. Ao contrário, mostra-se orgulhosa e sem economia de caracteres. O ilustre desconhecido é retratado tão minuciosamente que, ao terminar a leitura do obituário, uma sensação de angústia por não tê-lo conhecido toma conta do leitor.

É essa a constante sensação presente durante a leitura do *Livro das vidas*, da Coleção Jornalismo Literário, organizada por Matinas Suzuki Jr, que reúne nessa seção, textos publicados no *New York Times* sobre ilustres desconhecidos. Em alguns casos, responsáveis por um único e grande feito na vida, como o aviador Douglas Corrigan, também conhecido como “Corrigan direção errada”, cujo plano de voo previa uma viagem entre Nova York e Califórnia, mas terminou na Irlanda.

Os títulos das histórias ao longo do livro são um interessante exercício literário. O obituário de Corrigan recebeu o título: “Entrando na História pelo lado errado”, assim como sucederam-se outros títulos inspirados (“O Calvin Klein do espaço”, “O Mr. Chips de Harvard”) e histórias igualmente incríveis.

O autor mais frequente da coletânea, Robert McG foi o responsável, segundo Suzuki, pela valorização da “cláusula Quem”, elevando a seção de obituários ao status literário. Suzuki Jr defende que os obituários, enquanto jornalismo literário, podem ser explicados dentro da conceituação de Felipe Pena (<http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>) ao afirmar que: “não se trata da

dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia”.

A valorização da sessão dos obituários é um traço da cultura norte-americana e segundo Hume, autora do livro *Obituaries in American Culture* (University Press of Mississippi, 2000), por mais de duzentos anos os jornais têm registrado publicamente a vida e virtudes dos cidadãos americanos, destilando a essência da vida sob a forma de uma crônica, refletindo o que a sociedade valoriza e quer lembrar da história do biografado. Não foi só o *New York Times*, outros jornais seguiram a linha do obituário-literatura. No jornal inglês *The Guardian* é possível ler uma biografia bem construída na seção de ilustres conhecidos, como foi o caso de Nelson Mandela (<http://www.theguardian.com/world/2013/dec/05/nelson-mandela-obituary>).

Curiosamente, outro jornal inglês, *The Telegraph*, apresenta em sua versão online, a seção de obituários categorizada entre outros em: Ciência, Militar e Celebidades.

No Brasil, a *Folha de S. Paulo*, apresenta alguns obituários selecionados, escritos em linguagem mais literária, enquanto outras revistas e jornais preferem seguir a linha do relato biográfico tradicional: do nascimento à morte, optando por seguir o estilo “perfil” do biografado.

Como biografias, os obituários apresentam o comum e o incomum de anônimos, ou celebridades. Vários personagens dos obituários terão nessa seção do jornal, a sua única chance de serem biografados. Longe de se tornar um clichê em invasão de privacidade, para leitores ávidos por detalhes menos honrosos, a seção de obituários do *New York Times*, é a vida contada em poesia. Talvez nem o próprio biografado tenha tido a chance de ver sua vida por um lado tão inspirador. Esse relato, longe do círculo familiar, nas páginas de um jornal é, sem dúvida, a chance de fazer parte do relato histórico de uma era.

No posfácio, “A pauta de Deus”, Suzuki provocativo, afirma que “Para muita gente, é mais negócio ter um obituário no *New York Times* do que ir para o céu.” Esse é um capítulo mais didático, onde o autor discorre sobre a transformação de estilo dos obituários de Londres e Nova York, como a inserção de um eufemismo com um toque de humor, “partiu desta vida na sua Harley-Davidson”. A transformação também veio

acompanhada da apuração precisa das histórias e das informações exclusivas para a elaboração de um bom obituário. E, não obstante, do lado menos pitoresco das biografias.

As histórias são tão interessantes que durante a leitura cultivei a ideia de que a morte deveria fazer greve, tal qual ocorre em *As intermitências da morte*, de José Saramago, para que talvez Jerry Siegel (do capítulo “Vida e dificuldades do Super-Homem”), tivesse outra chance e repensasse sua decisão de, por apenas 130 dólares, vender todos os direitos do Super-Homem à *DC Comics*. Tal qual o livro de Saramago, a morte acaba se apaixonando pela vida, e essa sem dúvida é a grande homenagem do *Livro das vidas*.

O livro das vidas: Obituários do *New York Times*

Organização: Matinas Suzuki Jr.

Companhia das Letras

2008